



Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas, o córrego, o rio e as ilhas, as casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera; mas assim mesmo fiz questão de que Carybé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais môça diz que êle caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram; mas depois foram brincar nos galhos tombados.

Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flôres.

VIDA

ABGAR RENAULT

*Viagem arrependida
de beijo esvaído no ar,
léguas de sonho e mar
da curva mais querida.*

*Sombra desconhecida
sob o sol a passar;
olhar cravado a olhar
a aurora interrompida.*

*Espinho sem intuito,
com fel e sal de amor,
no coração gratuito.*

*Rosa de homem e criança.
Ô arco-íris sem cor,
ô chuvosa esperança.*

Cajueiro

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que êle caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas, de S. Jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a co-

biça de tôda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jôgo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos de folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flôres humildes, "beijos", violetas, tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a sica de seu

